

# Mito da caverna: das noções de liberdade – libertar-se ou ser libertado?

José Antunes de Souza Pomiecinski<sup>1</sup>

Carmen Lúcia Fornari Diez<sup>2</sup>

---

## › Introdução

A ideia de libertar-se ou ser libertado vem discutir com o aluno as atitudes a serem tomadas frente ao proposto à sua vivência – permanecer em estado de caverna ou sair? Se o pensante liberta-se, ele que vai a busca, pesquisa, escolhe o que nem sempre é o mais cômodo, ele vai à ponta do pelo do coelho conforme a descrição de filósofo em *O Mundo de Sofia*<sup>3</sup>. A noção de ser libertado vem daquilo que é ensinado a ser feito, logo, alguém ou alguma instituição oferece a oportunidade e o sujeito no ato de aceitar sai, aprende. Esta segunda noção vem da volta do primeiro prisioneiro que ao sair da caverna vislumbrou o real e, após as dificuldades de adaptação, de compreensão e aceitação de que o que conhecia não era tudo, não era a realidade sente-se interessado em retornar à caverna e ali, alertar os demais prisioneiros de um mundo com novas possibilidades, para além daquelas que até então conheciam. Uns podem aceitar, outros poderiam até acabar por matá-lo, pois o novo

---

<sup>1</sup> José Antunes de Souza Pomiecinski – Licenciado em Filosofia (2008), pela Unifae – Centro Universitário Franciscano do Paraná/Curitiba/PR. Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (2010) – FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciência/Salvador/BA. Mestrando em Educação Uniplac/Lages/SC. Para citação – SOUZA POMIECINSKI, J. A.

<sup>2</sup> Carmen Lucia Fornari Diez – Pós-doutora em Filosofia pela Universidade de Barcelona, possui graduação em Filosofia e em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná e doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Orientadora de José Antunes de Souza Pomiecinski.

<sup>3</sup> Livro de Jostein Gaarder - O mundo de Sofia, 1991. Romance filosófico.

incomoda, desafia e nem sempre é aceito pelo *ethos*<sup>4</sup> (costumes ou segurança). A noção de libertar-se dar-se-ia, então, no ato de aceitar o novo e inovar.

Tanto ser o primeiro a sair como ser um dos que aceita sair a partir de um convite, daquele que conheceu a realidade, aqui, por exemplo, os pensadores, as academias do conhecimento, as teorias, as pesquisas e no sair também acrescentar, também construir e transmitir conhecimentos. A ideia de ser o libertador de si nas atividades foi a que imperou, uma vez que a partir das experiências dos alunos, entendeu-se, no que diz respeito à formação intelectual, escolar o cidadão só não evolui se não quiser, basta dedicar-se, interessar-se, fazer além do básico; nas palavras sobre o mito da caverna – libertar-se.

### › ***A filosofia em sala de aula***

Partindo da atividade sobre o mito da caverna e sua interpelação - libertar-se ou ser libertado foi coletado dados empíricos da atividade com os alunos, assim será transcrito algumas de suas considerações a partir das discussões em sala de aula. Foi exposto o mito da caverna para as turmas de segundo ano, e após a conversação sobre o mito os alunos foram encaminhados para a produção de um texto que respondesse ao questionamento – ‘Libertar-se ou ser libertado?’ Após a produção, cada aluno leu o texto em voz alta perante a sala, num esforço de vencer a timidez ou despertar a facilidade em comunicar aquilo que cada um entendeu, pensa, produz.<sup>5</sup>

#### Tabela 1 (Anexo)

No início do livro VII do diálogo A República de Platão – a Alegoria ou O mito da caverna<sup>6</sup>, como é mais conhecido. Lê-se na nota 5 um breve relato do Mito da Caverna, nos grifos acrescentados se destaca o movimento de libertação do sujeito que intenta libertar-se.

---

<sup>4</sup> Morada, onde há segurança. Os limites que protegem. Hábito, seguindo padrões, costumes para o grupo ele seja bem aceito e seu insucesso encontrará auxílio nos outros que pertencem ao seu grupo.

<sup>5</sup> A tabela apresenta a síntese dos relatos elaborados pelos alunos envolvidos na pesquisa que foi realizada dos dias 13 de fevereiro a 04 de março de 2014 na Escola de Educação Básica Casimiro de Abreu, com turma de 2º ano de Ensino Médio, na cidade de Curitiba – Santa Catarina – Brasil.

<sup>6</sup> Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas para frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semi-obscuridade, enxergar o que se passa no interior. A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os

Como o passo ao além do habitual, ou seja, aquele que se “descobre” ou está se descobrindo mundo de possibilidades. O olhar apurado aos cantos com maior intensidade de luz pode ter despertado a “curiosidade” de buscar. A descrição do momento em que se depara com o diferente para o que até então sabia, mas o “real” para o mundo fala de dor, de incerteza, mas enfim de uma vontade de compartilhar, aqui está o que entendo como primeira causa da sua libertação, não há quem o liberta como não há quem o incentive a ir falar com os outros, ele mesmo entendeu isso<sup>7</sup>.

A análise exposta por cada aluno evidencia a ideia aborda acima — o sujeito é o responsável maior, por sua libertação ou por manter-se na caverna. Dessa forma, conforme aborda o aluno 1 ao ficar cego, aquele que sai, é levado a tomar suas decisões, ou por caráter intrínseco aos seus instintos ou por razões maiores, sendo essas as que o levaram a força sua saída do estado anterior. Tomar as decisões o colocará como protagonista de sua existência dali em diante.

---

prisioneiros - no exterior, portanto - há um caminho ascendente ao longo do qual foi erguida uma mureta, como se fosse a parte fronteira de um palco de marionetes. Ao longo dessa mureta-palco, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas. Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam. Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Ou seja, não podem saber que são sombras, nem podem saber que são imagens (estatuetas de coisas), nem que há outros seres humanos reais fora da caverna. Também não podem saber que enxergam porque há a fogueira e a luz no exterior e imaginam que toda a luminosidade possível é a que reina na caverna. Que aconteceria, indaga Platão, **se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado?** Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria. Num primeiro momento, ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol, e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade, veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda sua vida, não vira senão sombras de imagens (as sombras das estatuetas projetadas no fundo da caverna) e que somente agora está contemplando a própria realidade. **Libertado e conhecedor do mundo**, o prisioneiro regressaria à caverna, ficaria desorientado pela escuridão, contaria aos outros, o que viu e tentaria libertá-los. Que lhe aconteceria nesse retorno? Os demais prisioneiros zombariam dele, não acreditariam em suas palavras e, se não conseguissem silenciá-lo com suas caçoadas, tentariam fazê-lo espancando-o e, se mesmo assim, ele teimasse em afirmar o que viu e os convidasse a sair da caverna, certamente acabariam por matá-lo (CHAUÍ, M. 1995, p.40, grifo nosso).

<sup>7</sup> Extraído do Blog Ler e Expressar. SOUZA POMIECINSKI. J.A. *Reflexão sobre Educação*, de 22 de novembro de 2009. Disponível em < <http://lerexpressar.blogspot.com.br/2009/11/reflexao-sobre-educacao.html>> Acesso 18 Abr 2014.

Numa síntese entre o aluno 2 e o aluno 3 — unir a vontade com o mudar de raciocínio, atitudes que despertam no prisioneiro o anseio por metanoia<sup>8</sup>, isto é, que ele se direcione para a busca do diferente, indo além daquilo que estava habituado a viver, conhecer.

Os alunos 4 e 5 abordam a compreensão de o que dizem a nós — ‘dizem que somos livres’, a família nos diz que somos livres, a escola nos diz, as religiões, a mídia, mas até onde somos livres? Livres para cumprir aquilo que é predeterminado pelos padrões sociais? São questões que não exigem uma resposta objetiva, mas sim uma reflexão, individual a cada modelo nos apresentado. Tal reflexão levaria a entender o tanto pode-se estar oprimindo a o modo livre de ser, clamando por uma intensa necessidade de adquirir a libertação.

Os alunos 6, 7, 8 e 9 partem da ideia de que se é prática de costume ser aprisionado, por isso a dificuldade para entender ou decifrar o que é real ou não, pois se é preso a uma moral para com o outro. Aqui evidencia-se o movimento de ver-se único responsável por si, indo além da espera de que se oferte liberdade ou libertação, vencendo preconceitos e por esforço próprio sair, evoluir, realizar seu processo de evolução libertadora.

Os alunos 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 48 indagam se temos consciência daquilo que estamos fazendo, ou seja, se estamos agindo certo ou errado, se a vivência busca autonomia, liberdade de expressão superando as limitações e medos que nos encarceram na caverna do comodismo e do senso comum. Porém, é necessário dar atenção a que aquilo que se fizer incorrerá em consequências, dessa forma o receio mantém a maioria das pessoas na espera por libertação, uma vez que quando alguém manda ou diz o que é certo ou errado a culpa do erro eventual que surgir não será de total responsabilidade daquele que errou, mas também de quem o ordenou. O ato de libertar-se aqui seria arriscar, avançando da simples noção e obrigação de acreditar, em outras palavras, evidenciar atitude e pensamentos (aluno 23), não sendo escravo daquilo que os demais falam ou podem falar, uma vez que as atitudes influenciam (aluno 27) e desvelam novos horizontes.

Os alunos 18, 19, 20, 21, e 22 vem evidenciar que a liberdade é a única opção, conforme atesta Sartre — ‘o homem é condenado a ser livre’. Assim, deve sair da zona de conforto, pois é melhor arrepender-se do que fez, do que arrepender-se do que deixou de fazer. Tal instinto de libertar-se acompanha o humano desde o início de sua civilização<sup>9</sup>. Os alunos 22 e o 29 tratam da espera por liberdade como a maior prisão, a em si mesmo, ficando a mercê das boas ações alheias.

Os alunos 24, 25, 26, 28, 30 e 55 abordam a necessidade de tentar descobrir, sair do mundo das representações daquilo que, mesmo pensando ser livre, a realidade apresenta prisão ou fechamento

---

<sup>8</sup> Mudança de pensamento, de direção.

<sup>9</sup> Tornar-se civil, tornar-se livre.

para esperar as indicações advindas de outros, devendo-se ir além das opções erradas, a partir de um constante voltar-se sobre si mesmo, conforme Karl Jaspers, transcender-se<sup>10</sup>:

Demos um salto: passamos da cognição intelectual dos objetos para a consciência subjetiva do que realizamos e experimentamos. A altura que atingimos com esse salto é nada, se a considerarmos do ponto de vista do conhecimento do mundo; considerado, porém, do ponto de vista filosófico, equivale à possibilidade de atingir uma nova consciência do ser (1983, p. 36).

Assim, sair de algo em que não está fazendo bem, provocando uma libertação de sentimentos.

Os alunos 31, 32, 34, 35, 39, 43, 44 e 56 iniciam com o apelo ao apoio vindo do outro, principalmente da figura da escola como campo formal de possibilidades, essa primeira visão busca avançar da noção de escola libertar o aluno sem que ele seja o protagonista (45 e 47), aqui subentende-se que o aluno ao decidir estudar, desvela<sup>11</sup> (*alethéia*), promove seu processo emancipatório, na escola e na vida. Há uma exigência (aluno 32) de fazer uso daquilo que se sabe ser o melhor, porém nem todos fazem tal uso — razão de entender-se transformador de seu futuro e de seus ideais. Numa contínua busca de respostas, que são decisivas em direção ao sucesso ou ao fracasso. Aqui como enxergar que as coisas não vem atrás do desejo de realizar e sim cada um ao despertar da rotina, encaminhar-se, alguns rápido e outros lentamente na batalha para se conseguir aquilo que quer.

Os alunos 40, 41, 42, 50, 51, 52, 53 e 54 provocam a despertar antes de ser despertado de uma forma esperada por alguém, alguma mídia, algum interesse maior, pois na vida há charadas que vemos, mas não vemos ou não queremos ver da forma certa, assim seriam aceitas escolhas pré-determinadas, formas de ilusão, seria ensinar através da pura cópia, da reprodução.

Os alunos 38, 41, 42, 49, 52, 57 e 58 — representam aqui a mais pura personificação do libertar-se, pois tratam da necessidade de explorar, superar as mentiras, transcender o medo de libertar a todos, com início em si mesmo, uma superação de sentimentos, não mais esperando, sendo fiel a seus anseios, mesmo que sejam taxados como loucos, pois ser ou buscar a liberdade para a sociedade fere à noção de igualdade, nivelamento, uma vez que aventurar-se é tido como uma traição ao padrão daqueles que dominados pensam que são livres.

---

<sup>10</sup> Como ir além dos limites empíricos da experiência.

<sup>11</sup> Em Platão, o desvelamento do Ser, isto é, descobrimento daquilo que estava oculto, retirada do véu. Na ontologia de Heidegger, o desvelamento significa a ideia segundo a qual a coisa se desvela, manifesta-se nas condições mesmas de seu aparecer, de seu “fenômeno”; a verdade nada mais seria do que a manifestação do ente, enquanto ele deixa de ser ocultado pelas preocupações da vida cotidiana, e do caráter aberto do ser (JAPIASSU, 2006, p. 70/1).

## > **Considerações finais**

A possibilidade de libertar-se mostrou ser a de maior preferência pelos alunos do Ensino Médio, levando a compreender que o jovem, preza por seu caráter independente e almeja sua emancipação por merecimento próprio, nada de ideologias prontas, tradicionais, mas sim, ideologias inovadas, mesmo as já muito vividas

A questão do ser liberdade, implica numa espera, e essa espera depende da vontade daquele que pode libertar, isso pode ser em breve, ou pode ser tardio, tal espera não agrada o aluno que anseia por alçar voos maiores, voos de aprendizado.

Assim, estar no mundo como alguém que invita alcançar consciência daquilo que se quer buscar na vida, principalmente na fase do Ensino Médio, se faz extremamente necessário trazer a esse cenário a discussão de libertar-se ou ser libertado? Ou seja, — fazer acontecer ou esperar? Para ilustrar tal ideia cito a música de Geraldo Vandré — ‘Para não dizer que não falei de flores’, que expressa um posicionamento de pensamento para a liberdade em nosso Brasil, especialmente ao elucidar “vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer”.

## > **Anexo**

**Tabela 1**

Aluno 1	Sem muita opção do que fazer, tenta quebrar a parede. Ao sair e ficar cego, toma suas decisões.
Aluno 2	Sujeito com vontade.
Aluno 3	Mudar o modo de raciocínio.
Aluno 4	Livre ou libertado implica uma decisão. Dizem que somos livres, mas não somos.
Aluno 5	Ao expressar ser oprimido, entende a necessidade de adquirir a libertação.
Aluno 6	Costumes. Dificuldades para entender o real. Vontade ou obrigação moral para com o outro.
Aluno 7	Depende de si mesmo – unicamente.
Aluno 8	Preconceituosa – a minoria sai por esforço próprio.
Aluno 9	O estudante e a escola.

Aluno 10	Pensar: estamos agindo certo ou errado?
Aluno 11	Ter liberdade de vivência e expressão.
Aluno 12	Buscar autonomia. Nunca é tarde para fazer um novo futuro. Ser, ter vez e voz.
Aluno 13	Ter sua própria liberdade. Medos e limitações mantêm na prisão.
Aluno 14	Fazer o que quer ou o que quiser, porém gera consequências.
Aluno 15	A maioria são libertadas. Sair do esperar. Arriscado, mas é uma oportunidade.
Aluno 16	Vícios, manias deixam presos. Atos e consequências, sempre haverá pensamentos contrários ao seu.
Aluno 17	Fazer de acordo com os objetivos. Quem se liberta é o que busca e acredita. Vai além da obrigação em acreditar.
Aluno 18	Liberdade é a única opção. Sair da zona de conforto, avançar. Exemplo: Dinheiro não é o principal objetivo e sim a felicidade.
Aluno 19	Na vida, só tem chance quem se arrisca. É melhor se arrepender do que fez do que deixou de fazer.
Aluno 20	O instinto de libertar-se acompanha o humano desde os primórdios, é necessário.
Aluno 21	Ter os próprios pensamentos.
Aluno 22	Prisão em si mesmo. Dependendo das boas ações, quando se espera ser libertado.
Aluno 23	Próprias atitudes e pensamentos. Escravo dos comentários.
Aluno 24	Presas às representações. Tentar descobrir, sair.
Aluno 25	Liberdade como uma palavra vazia. Pois é difícil aqueles que são realmente livres.
Aluno 26	Fechar-se para esperar. Libertar-se exige maior intensidade.
Aluno 27	Novos horizontes. Atitudes que influenciam.
Aluno 28	Liberdade e opções erradas.
Aluno 29	Precisa de alguém que o liberte.

Aluno 30	Sair de algo que você não está bem. Libertação de sentimentos.
Aluno 31	Ser apoiado. A escola apresenta oportunidades.
Aluno 32	Sem que alguém faça por você. Todos tem, mas nem todos sabem usar.
Aluno 33	Libertar os outros alimenta o ego que todos temos.
Aluno 34	Buscar as próprias respostas.
Aluno 35	Escolhas levarão ao sucesso ou fracasso. Descobrir antes que seja tarde.
Aluno 36	Internet e celular como prisão. Esquecem um do outro.
Aluno 37	Comunicação que afasta.
Aluno 38	Medo de se libertar. Todos nós.
Aluno 39	As coisas não vem atrás do desejo de realizar.
Aluno 40	Charadas – ver mas não vemos ou não queremos ver da forma certa.
Aluno 41	Acreditam em mentiras.
Aluno 42	Explorar. Não ser acreditado.
Aluno 43	Rotina. Por que uns são rápidos e outros não?
Aluno 44	Batalham para ter o que querem. Vão além.
Aluno 45	Podemos os dois. Só depende de você mesmo.
Aluno 46	Seria uma pré-disposição ao engano, ou puro comodismo.
Aluno 47	Tudo depende de você.
Aluno 48	Entender o porquê. Sair da zona de conforto. Manipulação.
Aluno 49	Deve ter início em você mesmo. Libertar dos sentimentos.
Aluno 50	Ilusão.
Aluno 51	As escolhas não devem ser pré-determinadas.
Aluno 52	A liberdade pode inovar.
Aluno 53	Princípio imperativo. Acordar-se ou desperta ou é despertado. Trabalhar, estudar

	e aprender.
Aluno 54	Aprende copiando?
Aluno 55	Erro.
Aluno 56	Direito de escolher. As decisões de hoje definem o destino de amanhã.
Aluno 57	Esperam. Traição como princípio de igualdade.
Aluno 58	Presos à sociedade. Os que são livres de verdade são chamados de loucos.

## Referências

- ADORNO/HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BORDIEU, P. *Os Herdeiros* apud: CATANI, A. M. *A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras)*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a05v2378.pdf> Acesso 11 Abr 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União, 1996, p. 27849.
- \_\_\_\_\_. *Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio*. Parte IV – Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CARMINATI, C.J. *Professores de Filosofia: crise e perspectivas*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2006.
- CERLETTI A. *Ensino de Filosofia e Filosofia do ensino filosófico*. In: GALLO, S.; CORNELLI, G. & DANELON, M. (orgs.). *Filosofia do ensino de Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHAUÍ, M. *Convite a Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- FACHIN, Odília. *Fundamentos da metodologia*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- JASPERS, K. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.
- KANT. I. *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento? (Aufklärung)*. Trad. ROUANET, L.P. Disponível em: [http://ensinarfilosofia.com.br/\\_\\_\\_pdfs/e\\_livors/47.pdf](http://ensinarfilosofia.com.br/___pdfs/e_livors/47.pdf) Acesso 10 Abr 2014.
- PLATÃO. *República*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.
- PECHULA, M.R. *Reflexões acerca da Filosofia no Ensino Médio: o papel da disciplina e de seus conteúdos em sala de aula*. In: VVAA. *Núcleos de ensino*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 485-496.
- ROCHA, R.P. *Ensino de Filosofia e currículo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SANTA CATARINA. *Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos temáticos*. Florianópolis: IOESC, 2005.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Trad. Antônio José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1984.
- WUENSCH, A.M. & VALADÃO, E.B. *A relação do Projeto Filosofia na Escola com o Ensino Médio*. In: KOHAN, W.O. et al. *Filosofia na escola pública*. Petrópolis: Vozes, 2000 [Filosofia na escola, 5].